

José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO

Discurso paraninjal proferido na solenidade de colação de grau às professoras do Liceu Campograndense - *Escola Normal Joaquim Murinho*, a 3 de dezembro de 1939.

CUIABÁ
Revista da Academia Matogrossense de Letras
Ano VIII — Tomo XV-XV
Escolas Profissionais Salesianas
MCMXL

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

OBRAS DO AUTOR

POESIA

- 1) Poesias - (Do Amor - Da Natureza - Do Sonho - Da Arte) Cuiabá - 1919
- 2) Terra do Berço – Cuiabá - 1927
- 3) Da Epopéia Matogrossense - Cuiabá - 1930

CONTOS

- 4) A Cavalhada - Cuiabá -1928
- 5) Espelho de almas - Rio - 1932

ROMANCE

- 6) Piedade - Cuiabá - 1937

HISTORIA

- 7) Elogio histórico do Dr. Antonio Corrêa da Gosta - Cuiabá - 1921
- 8) Elogio do General Dr. Caetano de Albuquerque - Cuiabá - 1926
- 9) Um paladino do Nacionalismo - Cuiabá -1929
- 10) O Taumaturgo do sertão - Niterói - 1931
- 11) João Poupino Caldas - Cuiabá - 1934
- 12) Manoel Alves Ribeiro - Cuiabá - 1938.
- 13) O Sentimento de brasilidade na Historia de Mato Grosso - Cuiabá - 1939

ENSAIOS, DISCURSOS E CONFERENCIAS

- 14) O Catholicismo e a Mulher - Cuiabá - 1926
- 15) Semeadoras do futuro – Cuiabá - 1930
- 16) Pela boa Causa - Niterói - 1936
- 17) O sentido da literatura Matogrossense - Cuiabá - 1937
- 18) De Livia a D. Carmo (as mulheres na obra de Machado de Assis) - Cuiabá - 1939
- 19) Professoras novas para um mundo novo - Cuiabá - 1940

DIREITO E ASSUNTOS JUDICIÁRIOS

- 20) Atentado contra a Justiça - Cuiabá -1932
- 21) Relatório da administração da Justiça - Cuiabá - 1938

PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO

Senhoras professoras:

O padrinho e as afilhadas

Duas circunstancias enaltecem o vosso gesto, indo buscar-me, na mais cativante das gentilezas, para ser o padrinho da linda festa da vossa formatura.

Contrariando a imposição de espaço e de tempo, que, antes, inculcar-vos-ia a escolha dum outro mais perto de vossa terra e de vossa época, fostes à procura de quem aparentemente se alonga de vós pela distancia e pela idade. Aparência apenas, direi, entanto, logo de início, pois nessa admirável intuição que caracteriza o vosso sexo, bem vos persuadistes que não venho assim de tão longe, posto venha doutras plagas e de outra geração. Porque, minhas queridas afilhadas, o que nos aproxima e co-irmana é a alma, a afinidade mental e não essas circunstancias secundaríssimas de idade ou de nascimento. O nosso clima espiritual pode ser o mesmo — e estou que o é, — vindos à luz embora, sob os mais variados sóis e em épocas as mais diferentes. O que faz a unidade psíquica é a compreensão recíproca, é, a interpenetração das almas, é o modo igual ou afim de encarar e resolver os grandes problemas da vida. Vale pelo dominador comum das consciências a atitude semelhante de frente às equações morais, a nação idêntica do nosso papel diante

PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO

do Divino e do Humano. Muitas vezes os que nasceram sob o mesmo signo ou na mesma época não se entendem nem se amam. uns aos outros, — que amar pressupõe compreender, de que é uma simples modalidade — e antes, inversamente, se ajustam e se integram, nessa admirável simbiose do afeto ou da inteligência, filhos de estranhos céus ou de apartadas gerações.

Posso dizer, destarte, que me considero dos vossos, que não desacetastes indo buscar-me no vosso encantador convite, a que acedi, comovido e surpreso, no mais agradável acolhimento.

Norte e Sul

Porque, Senhoras Professoras, nós nos entendemos a maravilhas. Norte e Sul, somos parcelas dum Todo, vinculado pela Tradição — que é o Passado, pela solidariedade que é o Presente e pelas esperanças — que são o Porvir. A origem comum, fazendo de vós, sulinas, um prolongamento de nós outros, se alia a idêntica finalidade que erige Campo Grande e Cuiabá nas duas exponenciais, diversas mas homogêneas do progresso e da mentalidade matogrossense. A rodovia que nos liga e pela qual se articula hoje a vida do Estado, é bem a grande artéria da nossa terra, por onde circula o sangue vivo e rubro da cordialidade, que leva a vida do órgão central, do coração, que é Cuiabá, ao cérebro dinâmico que sois vós, e aos demais órgãos da atividade e da harmonia vital de nossa gente. O eixo. Cuiabá Campo Grande é o grande eixo do progresso matogrossense — que se não reduz, é claro, e essas duas zonas, mas tem nelas as suas mais valiosas componentes atuais.

Por isso, de parte a natural diferenciação que lhes imprimem os fatores geográficos, econômicos e sociais, Campo Grande e Cuiabá se fundem e se integram na mesma psique que lhes empresta mais do que o ambiente de matogrossensismo, esse sentimento superior e comum de pura brasilidade, que dilui e esfaz, na mesma essência, os regionalismos mais acentuados.

O espírito não tem idade

E, também, como nos entendemos, a despeito das naturais diversidades de zonas, as nossas idades, ainda que dispares, se entendem perfeitamente. Que faz um pouco mais de experiência da minha parte, a se revelar na nevada que atenua os ardores da mocidade, e um tanto mais de ímpeto e *elan*, que se manifestam na vivacidade de vossas feições, no timbre encantador da vossa voz e no arroubo magnífico de vossas atitudes? As almas não tem idade ou, melhor, nós temos a idade do nosso espírito, que pode

IOSÉ DE MESQUITA

permanecer jovem, a despeito do amadurecimento físico. E é só a alma que soma nas operações fundamentais do ser. Os fatores acidentais do tempo, que nos fazem anteceder uns aos outros de alguns anos ou alguns dias na vida, são meras circunstâncias sem valor, diante da afinidade espiritual. Por isso são, a meu ver, tão risíveis os velhos que condenam a mocidade, olvidando-se que já foram moços como os novos, que entendem de fazer taboa rasa do passado, tal se fossem eles os únicos a conhecer a juventude e não tivessem, por sua vez, de passar de moço a velho. De mim, o que vos posso asseverar, caras afilhadas, é que não venho de longe, como pode parecer a quem observa as coisas pela sua simples exterioridade. Já estava convosco, quando me chamastes. Porque já vos conhecia, no furtivo mas impagável contacto dum ano atrás e sobretudo, porque — homem que me prezo ser do meu tempo e da minha gente — avesso a recalçamentos e falsas posturas, que são imposturas, me habituei a esta linguagem franca da sinceridade, em que todos nos entendemos, a ser moderno entre os modernos, sem exagero nem artifício, mas sim de coração aberto, para amar e me fazer amar dos novos de hoje, como dos de ontem e dos de amanhã.

Decênio transformador

Faz dez anos justos, Senhoras Professoras, que se me ensejou, em cerimônia semelhante, dirigir-me às vossas colegas da *Escola Normal Pedro Celestino*, de Cuiabá, acentuando, na minha oração de paraninfo, a tarefa de excelsa magnitude que vos cabe, ao plasmar, pelas vossas mãos débeis e mimosas, «a matéria prima de que se há de construir a Pátria de amanhã.»

Nessa década que vai de 1929 até hoje, o mundo se transformou de *fond em comble*.

A estrutura política e social dos povos tem, num decênio, sofrido alterações mais amplas e profundas do que, muitas vezes, em séculos de lento evolover.

O nosso próprio país, precisamente nesse lapso de 1930 para cá, atravessou uma fase de completa reestruturação em sua vida coletiva. Não é, pois, o mesmo o panorama que diviso falando hoje às professoras de Campo Grande, como quando, em 1929, se me ensejou falar às vossas comparsas cuiabanais, muitas das quais agora exímias professoras dos nossos atuais educandários. Tudo se refaz e se transforma, na trepidação do século prodigioso, que se serve das asas possantes dos velívolos, das ondas mágicas do rádio, das vertiginosas rodas do automóvel e dos mistérios surpreendentes da televisão.

PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO

Nesta era de assombros, idade em que os prodígios do engenho humano se não contam mais pelas clássicas sete maravilhas do mundo, eis que todo o mundo é hoje uma imensa maravilha, devemos, entretanto, em agradecendo à Providência que nos fez nascer nesta época, reconhecer que, a despeito de todo esse formidável *devenir* do progresso e da civilização, os problemas de ordem moral continuam a ser, fundamentalmente, os mesmos de um século ou vinte centúrias atrás. A forma de examiná-los, de os aplicar e de os selecionar, é que tem de ser, talvez, diferente, hodiernizar-se, para se adaptar à mentalidade contemporânea.

A pedagogia varia, mas a alma, em que ela tem o seu objeto, é igual. A professora é a artífice que trabalha no material mais delicado e imponderável, como plasticizadora do caráter e modelatriz das consciências. O mundo hodierno exige outros processos de tratar as almas, e assim é que necessitamos, não há negar, de *professoras novas para um mundo novo*.

O verdadeiro sentido do feminismo

O século XX é o século da Mulher. Nunca vosso sexo, Senhoras Professoras, gozou maiores prerrogativas e, por isso mesmo, nunca lhe pesaram sobre os ombros mais árduas responsabilidades. As conquistas feministas valem, sem dúvida, pela aquisição de maiores direitos, mas importam, paralelamente, no investimento de mais graves deveres. A mulher frívola e ignorante do papel relevantíssimo que lhe incumbe, não parecerá assim. Porque ela visualiza apenas o que o feminismo lhe carrega de vantagens materiais e proventos imediatos. Ser igual ao homem consiste para essas bonequinhas de salão e tânagras animadas dos jardins e avenidas em poder fazer tudo o que os homens podem fazer.

Não vêm, todavia, que ser igual ao homem importa em participar com ele dos tremendos ônus que são, na vida, social, os encargos da família e, no âmbito moral, os dramas mudos da consciência e do dever.

O homem sempre se outorgou, egoisticamente, todos os direitos, dando à mulher, na comunhão do lar, tão somente as obrigações. Hoje são meeiros, participe em ambas as cousas. A mulher moderna, é a auxiliar, a colaboradora do seu companheiro doutro sexo. Trabalha e lida, atira-se, como ele, ao vórtice da vida, e sofre, junto dele, nessa luta áspera que é a existência, luta na sua essência, no seu desenvolvimento e na sua finalidade. Mas para isso há que entrar blindada do aço da sua resistência moral, armada como a clássica Minerva, da sua couraça de inteligência,

JOSÉ DE MESQUITA

e, ao mesmo tempo, aureolada, como as Madonas da nossa crença, desse halo sobrenatural da Virtude, — que é força, e da Graça, — que é beleza. Só assim a mulher realiza o verdadeiro sentido do feminismo.

Compreensão do moderno

A atitude diante da Vida define o homem melhor que todas as afirmações ideológicas, muitas vezes apartadas do senso da realidade. Há uma novela de Bourget, cuja tese impressionante consiste em que, à força de pensarmos numa determinada maneira acabamos por adaptarmos as nossas ações a esse modo de conceber o mundo. Será exata a recíproca: se vivemos numa dada, forma, as nossas concepções se ajustarão, mais tarde ou mais cedo, à maneira de viver. O homem tem, na encruzilhada de Tebas do destino, três atitudes diante da vida, que definem a sua compreensão do Moderno: uma, é a dos inconformados, que não se adaptam aos imperativos do tempo e vivem fóra da sua época; outra, a dos vanguardistas e prematuristas, que antevêm o futuro, esquecidos da realidade ambiente; a terceira, que é natural e lógica, a dos que se enquadram no real e se fazem homens do seu tempo. A atitude de resistência passiva do passadismo e à avançada perigosa dos que andam no terreno movediço do futuro — preferimos a de viver a nossa vida dentro do nosso tempo, que é o presente. Claro que Sem exagero nem artificialismo. Não se ha de forçar a mão por parecer moderno, porque ser moderno não é ser exótico, esnobe ou cabotino. Ser moderno é saber escolher do moderno o bom e aceitável, conservando, porém, do passado, o que ele tem de melhor. É preciso possuir o senso do moderno, que é equilíbrio, justeza, ponderação, evitando o amor excessivo ao que se foi, degenerando em rotina, e o entusiasmo fanatizante pelo que vem, de que se origina a moderno mania.

O Encargo da Professora

A vós, Senhoras Professoras, cabe primacial encargo na formação da mentalidade moderna. Sois a « fabrica do novo homem » de que fala num livro sugestivo a escritora Alia Rachmanova. Encara ela a formação do « homem novo » à sua maneira, que não é, não pode ser a nossa. Como, entretanto, entre as mais desencontradas doutrinas, há sempre um ângulo de incidência — terreno neutro da verdade — podemos, para ser sinceros, ver em, Tanja, a protagonista da novela moscovita, com as naturais restrições ideológicas, as qualidades femininas primaciais, que são o amor e a dedicação. É justamente munidas desses elementos que ireis plasmar, no barro das consciências;

PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO

infantis, os Adões e as Evas do mundo novo. Mãe ou mestra, a Mulher é a artífice do homem: Mandatárias do Eterno, completais a sua obra criadora, através da lição e do exemplo, que ensina ainda mais do que a palavra. A persuasão que nasce do que vemos vence mais do que a que decorre do que nos vem pelos ouvidos e não há dialética, por mais poderosa, que valha, uma ação. A mulher tem nessas duas armas — o amor e a dedicação — a segurança do triunfo. Ela é toda um dar de si mesma, vive, em geral, fora do estúpido egoísmo, na atmosfera superior da abnegação, e do desprendimento. Por isso é toda ela maternidade, e mesmo as que não são mães pelo sangue, o são pelo espírito. Vós que neste momento vos investis da honrosa missão de professoras, recebeis, com este diploma, a responsabilidade máxima de mães espirituais. Os vossos alunos verão em vós as suas segundas mães, e em vós encontrarão o paradigma da sua conduta. O lar, presentemente, nem sempre é uma escola. É preciso que na escola a criança, encontre sempre o que deve ter no lar. Medi, pois, palavras e gestos, as mais leves atitudes, as menos perceptíveis ações: o discípulo vai ser o que quiserdes, a sua alma vai se fazer à imagem e semelhança da vossa.

Sabeis pelo estudo da pedagogia quanto o mimetismo atua na formação do infante e do adolescente.

Que os vossos alunos, encontrem sempre o que imitar e copiar em vós. Porque, Senhoras Professoras, essas alminhas em botão se hão de abrir em flores ou esfazer-se em vermes, tal o adubo que tiverem, ou, melhor, a educação que de vós receberem. Mas tudo isso vós o sabeis tanto ou melhor do que eu.

As condições do mundo atual

Haveria de apontar, sim, as condições especiais do mundo moderno, impondo, por sua vez, atributos peculiares por parte dos educadores de hoje. Por fugir ao longo e cansativo que vai sendo já este discurso, sintetizarei em três rápidas visadas os males da civilização contemporânea: a falta de idealismo, o amortecimento da fé e a obliteração do sentimento. A carência de espiritualidade, que melhor se exprime inversamente, como a hipertrofia do utilitarismo, é um dos mais evidentes sinais da decadência moral do nosso tempo. O homem vive da vida material, por ela dá, tudo, e dela, e só dela, tudo procura tirar. Os prazeres do momento, os lucros imediatos, formam a finalidade da chamada « luta pela vida. »

Ganhar dinheiro, gozar; cercar-se de consideração e conforto, fruir o bem-estar e ostentá-lo, quasi que a isso se reduz para o homem dos nossos dias a razão de existir. Daquilo que

JOSÉ DE MESQUITA

deveria ser, quando muito um meio, se faz o fim, o escopo, a causa primária e final. E, o que é pior, prescindindo dos meios. Buscam-se as riquezas, os prazeres, a fortuna fácil, frutos tentadores da Arvore do Bem e do Mal, sem se deter nos caminhos que levam à sua conquista. Dir-se-ia que todo ideal esvaneceu e toda a noção de ética se diluiu na alma dos homens.

Não há ver com olhos que não sejam os da cupidez, nem ouvir com ouças que não as do interesse ou da sensualidade.

A vida volta a ser o banquete pagão, em que só se impreca aos deuses que não segue a Hipocrene do prazer e, coroadas de rosas, as fronte, se adormece ao som dos pentacórdios, nos delírios báquicos ou venusinos. A abolição do espiritualismo transforma a História num mero suceder de eventos ligados uns aos outros por leis econômicas inexoráveis, faz da sociologia um capítulo da ciência das finanças, da Bolsa o templo sagrado, do Direito simples decorrência da Força bruta e da Moral uma capa remendada de mendigo que mal disfarça a nueza das conveniências e dos apetites malsãos.

Para isso concorre também, em grande parte, a diminuição da fé, o alarmante eclipse do sentimento religioso, fenômeno contristador, mas real, nos dias que vivemos. Não há mais que correr os olhos pela sociedade, dominada pela sêde do ouro, pela fome dos instintos, mas totalmente esquecida dos anelos do Sobrenatural.

E o pior é que a fé, às vezes, sem desaparecer de todo, se deturpa e adultera, transvestindo-se de perigosos disfarces, seja se fazendo galã de poderosos, seja fugindo das igrejas para as *macumbas* ou antros ainda mais nocivos. Cresta-se a flor da pureza nas almas, a pretexto de ensinar a realidade de certas leis biológicas; fazem-se festas de caridade, como pretextos de exibição mundana e válvula de escapamento de instintos inferiores; as próprias casas de Deus parece que se tornam platéias mundanas de luxo e corrupção, como se fôsem estádios, para ostentação de formas ou feiras de amostras da vaidade e do impudor.

Dessas duas premissas apontadas, deflue, logicamente, a crise do sentimento, que assola o mundo, pior que as piores pandemias, pois não mata, mas inutiliza e deforma para sempre as almas.

O sentimentalismo doentio do século XIX foi um grande mal, gerando os Werther e Adolfos, e fazendo notar aos Goncourt que a mulher se desgoverna mais facilmente pelo romanesco do que, mesmo, pelo fescenino.

Mas a crise romântica ainda, ao menos, se dourava duma auréola de poesia e espiritualidade.

PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO

A que ora campeia é, ao invés, gerada da falta de beleza moral e de sentimento, é a mecanização do homem, a sua transformação em máquina de dinheiro e de prazer.

Tudo se industrializa, até o amor.

Tudo se nivela na chatice do século *standard*, da era motorizada, da equiparação dos sexos, que nem permite, encontrar na mulher o nível superior de sentimento que antes apresentava.

Não há contar com delicadezas, suscetibilidades, escrúpulos e barreiras morais: o que domina é a força quasi fatalística do instituto e da matéria.

A psicologia passou a simples capítulo da fisiologia e o homem a sêr considerado um animal, um pouco diferente dos outros, porque é infelizmente raciocinante e, por isso mesmo, mais perigoso.

Caim e Abel simbolizam ao vivo a fraternidade humana nesta era de subversão do sentimento, de guerras químicas e de apoteoses a gangsters, ditadores e pebolistas.

O sentimento, flor solitária e de sutis aromas, se abriga em pouquíssimas almas, que o mundo ignora ou escarnece. Porque o que soma agora é a conveniência e o coração «pêndulo universal dos ritmos» vae sendo aos poucos, no século Ford, substituído pela balança de valores.,

A mulher e o modernismo

Em meio a esse angustiante panorama, a alma que ainda tem ideal, ainda crê e cultiva o sentimento, olha ansiosa, perscruta nos horizontes sombrios a aurora promissora da redenção.

É então que entra a objetivar-se, a precisar formas e contornos, a corporificar-se, em linhas nítidas, a figura da mulher, como a salvadora do mundo.

Já uma vez ela o perdeu, com o nome de Eva, aliciando, com seus amavios, o homem para a transgressão da lei.

De outra feita, ela o remiu, sob a bela encarnação da Virgem Mãe, Maria, a mulher das Dores, personificação do espírito: feminino de renúncia e sacrifício, morrendo de morte mais dura que a própria morte, a paixão do filho.

Agora cabe, de novo, à mulher, na encruzilhada trágica do mundo moderno, salvar ou perder a humanidade.

Ela a salvará, estou certo. Ela salvará o mundo, dêis que se disponha a ser Maria e não Eva.

A dar o exemplo do amor e da abnegação, e não o da vaidade e do apego aos gozos efêmeros.

A influir, pelo espírito de devotamento e bondade, na

JOSÉ DE MESQUITA

formação do Homem novo.

A ser moderna, porque se não pode deixar de ser de seu tempo, mas para orientar o modernismo e não para se deixar absorver e arrastar pelo que ele tem de deletério e nocivo.

A ser o guia, amiga e companheira do homem e não o seu superior.

A inculcar-lhe a Fé e a confiança, ao contrário de intoxicar-lhe a mente com o veneno das concupiscências.

A mulher moderna está destinada essa, grande, missão de orientar o mundo moderno para a Salvação que é, mesmo abstraindo do sentido místico, «guardar intacto o melhor do seu ser». Ah! minhas afilhadas, se soubésseis — mas vós, por certo o sabeis, se imaginásseis — e, seguro, o imaginais — a força, o prestígio, a autoridade que tem a mulher, quando, norteadas para o bem do homem, lhe sabe ser amparo, confidente e encaminhadora na vida! Só lhe encontro paralelo no império fatal que ela sabe ter quando fascina para o mal e o arrasta, nos seus coleios serpentinos, para o abismo dos abismos.

Do individuo à sociedade, através da Escola

Vede aí a responsabilidade tremenda da mulher e que me apraz vos pôr de manifesto nesta hora festiva da vossa colação de grau. Não há pensar em retroceder: o mundo vae sempre para frente, minhas filhas, e ainda que, por vezes, se repetindo, a Historia é uma espiral ascendente, que não volve ao ponto de partida. O passado passou e, enterrados os mortos, tratemos de construir o futuro, com o material que temos em mãos. O mundo moderno há que ser refeito nos seus alicerces abalados que ameaçam iminente cataclismo. Vós, Senhoras Professoras, ides colaborar nessa obra hercúlea de refundamentar o mundo, dando-lhe novas bases de seguro concreto. Essa tarefa ciclópica tem de começar em nós mesmos. Temos de formar em nós o Homem-novo, começando assim, por nos refazer, para refazermos o mundo. Não se vai à sociedade, sem começar no individuo e sem passar pela família e pela escola. São círculos de uma encíclica sucessiva, em que o homem é a unidade, a escola e o lar os pontos intermédios necessários para se chegar à coletividade social. As sociedades são o que são a escola e a família — suas colunas mestras — e estas, por sua vez, dependem para sua solidez, da resistência do embasamento individual em que se apóiam. Inútil, pois, pensar em modificar as condições sociais, sem cogitar primeiro na melhoria do tipo individual. E isso se opera no lar e na aula, é tarefa conjugada das mães e das mestras. Eis porque nunca será demasiado insistir neste ponto: vós sois a segurança do

PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO

edifício e onde houver boas professoras e boas mães, a construção social estará sólida e resistirá ao embate de todas as tempestades. E de vós que espera a humanidade futura, representada nessas cabecitas gentis que se alinham, nas salas de aula, como floração mimosa, que a vossa inteligência e a vossa bondade irão irrigar para a frutificação esplêndida do futuro!

Professoras novas para um mundo novo

E, como bem se ajusta à hora e ao ambiente, ambos propícios, o tema que tomei para esta oração de paraninfo: “professoras novas para um mundo novo.” O momento é de angústia universal, hora babilônica e confusa, como, talvez, somente o fosse aquele caos anterior à Criação de que nos fala o Gênesis — *terra autem erat inanis et vacua, et tenebrae erant super faciem abyssi* — a terra porém estava vazia e nua e as águas cobriam a face do abismo. As crises se acamadam umas sobre outras, qual a qual mais alarmante: crise social, política, econômica, financeira. A crise, das crises, porém, é à crise moral. Ela é que gera todas as outras, e que começa na inquietação das consciências, para desfechar nesse tremendo drama da guerra, cuja verdadeira causa é a incompreensão entre os homens e a competição pelo dinheiro e pelo poder.

O «amai-vos uns aos outros» foi substituído pelo «desconfiai uns dos outros» e «guerrei-vos mutuamente». Contra essa mentalidade errônea e contra essa noção anticristã e antinatural do humano, é preciso agir e reagir. Agir para melhorar o homem; reagir, para impedir a completa ruína, a depravação total. O trabalho deve iniciar-se em nós para se irradiar na sociedade — pois o mal do mundo vem de dentro de nós. Por isso dizia, com rara intuição, René Arcos: «Não são as mãos, e sim os espíritos, que é preciso desarmar.»

Mas, senhoras professoras, não é só o momento que torna adequado o tema desta oração, isto é, a necessidade de criar um novo conceito do magistério, diante dos imperativos do mundo contemporâneo.

Também o local oportuniza a tese escolhida. Campo Grande é bem um magnífico tablado donde se irradia, com mais vigor, o verbo da propaganda de nobres e altas idéias. E é, pelas suas condições próprias, a tribuna das idéias novas. Nova ela o é, cidade adolescente, no púbere desabrochar dos seus feitiços, sorrindo, morena rubescente, ao sol macio, da serra, entre o abraço caricioso de suas várzeas e o ósculo langue dos seus córregos. Em vinte e poucos anos conseguiu realizar, no campo do progresso, verdadeiros prodígios que nos lembram as cidades

JOSÉ DE MESQUITA

americanas do Pacífico. Cidade-padrão da zona sul, como o são Cuiabá, no norte, e Corumbá, no centro do Estado, até a sua situação topográfica faz dela o grande palco majestoso, donde a voz como se propaga melhora todos os rumos, qual se poderosos alto-falantes a irradiassem estentoriamente.

Estais, no planalto, vale tanto dizer mais perto do Infinito e mais, distante das contingências e fraquezas humanas.

E nesse antiplano, que é firmeza, elevação e equilíbrio, dominais, sobranceiramente, os quadrantes que vos cercam.

Como me sinto feliz de poder falar à mulher, matogrossense, simbolizada nesta hora nas Professoras de Campo Grande!

E poder dizer a todas as minhas conterrâneas, nesta hora de gratas expansões e desta tribuna que parece elevar o vosso orador, que acredito no futuro radioso de Mato-Grosso, porque creio no prestígio e no valor da mulher matogrossense.

Mulheres de nossa terra

Ela é bem a herdeira das que, nos dias coloniais da penetração e do povoamento, morriam lado a lado dos seus companheiros na luta contra os índios como aquelas duas heroínas do Carandá; é a descendente das mulheres de Coimbra, na trágica vigília de 64, fazendo cartuchos para a defesa do forte; da vivandeira do 17, das duas Inês e tantas outras notáveis pela bravura e pelo devotamento.

Alma feita de dedicação e de renúncia, sabe, como ninguém, que a vida consiste em sofrer e perdoar, e que a maior força está na fraqueza e a maior grandeza no amor humilde e desinteressado. Mais do que nos livros, vós aprendestes, Senhoras Professoras, nas narrativas da vida e da história — a vida que passou — que as Mulheres de nossa terra sempre souberam bravamente amar e servir o Brasil.

Foram sempre ótimas mães e excelentes mestras essas mulheres, obscuras e anônimas muitas vezes, de cujo seio e de cujos ensinamentos provieram heróis da estatura moral de um Antônio João e, de um Batista das Neves.

E que elas sabem, como poucas, fazer da educação a disciplinadora dos instintos, desanimalizando o homem e dando-lhe esse cunho superior de espiritualismo e de brasilidade. As mulheres de Mato-Grosso, hoje como ontem, conseguem sobrepor a serena modéstia à arrogância estulta, pois compreendem que só na humildade há grandeza, enquanto no fofo jatar-se vai apenas o desconhecimento do nada e do efêmero que somos. A mulher matogrossense conhece, sobretudo, que só o amor resgata, eleva,

PROFESSORAS NOVAS PARA UM MUNDO NOVO

purifica e redime e que o mundo novo será o que forem as mães e as mestras de hoje, atuando no espírito do homem de amanhã.

A alvorada do Oeste

Não devo me alongar mais. Concluirei, minhas gentis parainfadas, afirmando mais uma vez que tenho certeza que, nesta Hora de maravilhoso despertar de Mato-Grosso, nesta alvorada, magnífica do meu povo, alvorada paradoxal, mas verdadeira, do Oeste, até há pouco triste crepúsculo esmaecido e hoje transformado à grande voz do Estado Novo, em rútila aurora de esperanças, vós sereis a mais doce sinfonia, o clarão mais vibrante, a fazer mais belo esse prelúdio da era-nova que desponta.

Senhoras Professoras do Liceu Campo-grandense: os portões desta Mansão do Saber, deste nobre educandário, em que folgo em ver na direção e como professoras varias antigas alunas minhas, se abriram, alvissareiros, para receber-vos, meninas, no encanto da, ignorância da vida, e hoje se descerram novamente para que, já preparadas pelas mãos dos vossos competentes e dedicados mestres, possais partir, apóstolas que se dispersam após a flama sideral do Pentecostes – e levar o Evangelho da Fé e do Bem pelas mais longes plagas. Que DEUS vos acompanhe e faça de cada uma de vós, pela Bondade e pela Inteligência – as únicas forças construtoras – as dignas Professoras novas de que precisa o Mundo novo !